

SERTÕES ENUNCIADOS: Imagens e representações do sertão do oeste de Minas Gerais nos discursos da imprensa local e na literatura dos primeiros anos da República.

Gilberto César de Noronha*

Resumo: O texto discute as possibilidades da exploração das imagens e representações do sertão apreendidas nos discursos da imprensa local e da literatura (1889-1930) que tem como tema ou lugar de produção o Oeste de Minas Gerais e Alto São Francisco como estratégias para pensar a constituição histórica deste espaço específico. Proposta que objetiva contribuir para a discussão do desenvolvimento dos espaços interioranos do Brasil em sua relação com aqueles de maior dinamismo e cosmopolitismo. Considerando-se as relações entre local e global, a proposta de trabalho com fontes de natureza diversa: a jornalística e a literária analisadas de modo combinado, tem a preocupação de considerá-las sempre como formas singulares de manifestação dos anseios, das racionalidades, dos sentimentos: lugares de criação de imagens “mentais” sobre o sertão.

Palavras-chave: Representações – Provinciano – Sertão.

Abstract: The text discusses the possibilities of the exploration of the images and representations of the interior apprehended in the speeches of the local press and of the literature (1889-1930) that has as theme or production place the West of Minas Gerais and High San Francisco as strategies to think the historical constitution of this specific space. Proposal that aims at to contribute for the discussion of the development of the spaces of the interior of Brazil in your relationship with those of larger dynamism and more cosmopolitan. Being considered the relationships among place and global, the work proposal with sources of several nature: the journalistic and the literary analyzed in a combined way, he/she has the concern of always considering them as singular forms of manifestation of the longings, of the rationalities, of the feelings: places of creation of mental " images " on the interior.

Keywords: Representations - Provincial - Interior

*“(…) A literatura, ou seja a vida fantástica, que aperfeiçoa e cristaliza a vida cotidiana, (...) ajuda a viver, (...) tanto permite sair da vida como entrar nela.”
(Carlos Drummond de Andrade, 1944).*

1.

Após de um período de estudos em Belo Horizonte, quando conheceu o limitado cosmopolitismo da capital mineira dos anos 1920, Gustavo Capanema retorna a Pitangui, sua cidade natal, no oeste de Minas Gerais, região do Alto São Francisco, para exercer o cargo de vereador, e ministrar aulas no colégio da cidade, enquanto espera melhores oportunidades profissionais e políticas. Capanema teria experimentado profundo desgosto ao respirar outra vez os ares do sertão como sugerem algumas das correspondências trocadas com seus

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG). Professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Alto São Francisco (FASF/LUZ – MG)

companheiros Emílio Moura, (de Dores do Indaiá, também cidade do Alto São Francisco), Carlos Drummond de Andrade (de Itabira), Dário de Almeida Magalhães, Gabriel Passos, entre outros. Parecem evidentes os sentimentos negativos que ele experimenta em seu retorno à vida na velha cidade sertaneja dos anos 1920, que Capanema caracteriza como um “*lugar enfastante*”, uma “*pilhéria dolorosa*”. (CAPANEMA, 1927:274)¹

O sertão do São Francisco foi muitas vezes caracterizado por aqueles que dele se originaram, mas que alcançaram os centros urbanos, como um “*lugar de isolamento (...) um meio inferior [a eles mesmos], ainda infestado pela mais vil politicagem*”. (MAGALHÃES, 1928:274-275). Em 1928, Dário de Almeida Magalhães aconselhava Gustavo Capanema a deixar Pitangui e ir para a verdadeira civilização, para um grande centro: “*meta o pé nessa Pitangui de comadres e de Isauras e venha fazer um concurso na faculdade (...) largue Minas se preciso for, Minas pequenininha e miserável, que não aproveita os seus valores*”. (Idem:275.)

Parecia comum aos “*moços de tendência modernista*” (ANDRADE, M., apud ANDRADE, C.D, 1944:80) das Minas Gerais dos anos 1920, como Carlos Drummond de Andrade, alimentar forte visão negativa de seu lugar de origem. Drummond, a propósito, mereceu severa reprimenda, em “*caráter educativo*”, de Mário de Andrade:

“Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta (...) é gostarem de verdade da vida. (...) Meu Deus! Se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da terra) em longas caminhadas!” (ANDRADE, apud. ANDRADE, Idem: 80-81).

A despeito dos conselhos de Mário sobre como percorrer os caminhos de Minas e como olhar para seu espaço com os olhos aberto pra vida, no caminho de Drummond havia uma pedra, “*tinha uma pedra no meio do caminho*” (ANDRADE, 2002: 16), já no mundo de Emílio Moura havia um “*mistério*”. Em que consistiriam esses obstáculos? Qual pedra, qual mistério? Quais pontos este caminho liga, afinal?

2.

Em pesquisa sobre as tramas de constituição da história e memória de Joaquina do Pompéu procurei abarcar aspectos e relações importantes da trajetória do povo do Alto São Francisco pela compreensão de um fenômeno particular de memória social e coletiva: o

¹ Carta de Gustavo Capanema à sua mãe. 02/04/1927. Arquivo Gustavo Capanema. Esta e outras se encontram no Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC. Utilizo as transcrições publicadas por (SCHWARTZMAN, 1984:272-273).

“*lembrar de Joaquina do Pompéu*”, uma prática cultural em seu sentido ampliado (NORONHA, 2006). Neste trabalho deparei-me com uma dupla constatação: a) A tentativa de diferenciação de determinado grupo social - que inicia, na década de 1920, o registro escrito das lembranças de Joaquina do Pompéu como subterfúgio de diferenciação social pela contraposição de um conhecimento dito “erudito” oposto a um conhecimento “popular” – entendido como primitivo, não civilizado; b) e um certo “deslocamento” daqueles que se identificavam como os detentores das letras (ou como pertencentes a um grupo de “esclarecidos” em relação à memória e história de Joaquina do Pompéu e do Alto São Francisco) que experimentavam sentimentos ambivalentes em relação a seu lugar de origem (sertão concebido como espaço da barbárie) em sua relação com o litoral (espaço relacionado à civilização).

Importa considerar ainda que, num esforço de distinção social, aqueles que nos primeiros anos da República saem desse espaço determinado para os centros urbanos à procura de formação profissional (na medicina e nas Faculdades de Direito) e em busca de reconhecimento, colocam-se numa posição intermediária e ambivalente entre ser civilizado/cosmopolita e ser bárbaro/provinciano. Esse esforço de distinção de seus ‘pares’ (ou conterrâneos) e os sentimentos experimentados nessa mudança parecem contribuir e influenciar a forma como estas pessoas concebem seu lugar de origem (os sertões do Alto São Francisco). Situação social nova que parece influenciar a construção de imagens e representações desse lugar instituídas no diálogo com as imagens generalizantes do sertão, produzidas de uma perspectiva “litorânea”. O lugar social indefinido desse grupo nos parece importante para a compreensão de uma visão “particular” do sertão construída num espaço de conflito e de negociações: imagens e representações do sertão que constituem importantes dimensões de uma identidade regional em construção nesse período. É importante, no entanto, dimensionar o alcance dessas imagens e representações bem como discutir sua constituição histórica, a forma como se relacionam com visões do que seja o sertão do Oeste de Minas e do Alto São Francisco, constituídas e fixadas por discursos generalizantes (especialmente aqueles produzidos nos primeiros anos da República que vêem o sertão sob uma perspectiva externa e como parte de um movimento para o desbravá-lo ou civilizá-lo).

3.

Consideremos uma hipótese geral: As imagens e representações do Brasil e do sertão gestadas na marcha para o interior levada a cabo pelas campanhas sertanistas, viagens, expedições científicas e culturais dos primeiros anos da República que se propunham a vê-lo

com os próprios olhos, teriam sido internalizadas e/ou apropriadas pelos *letrados provincianos* que utilizavam a imprensa local como meio de disseminação daquelas idéias de civilização, dos projetos políticos e econômicos de modernização, de purificação da raça, de higienização e de participação política. Esta operação forneceria elementos para a criação de um modo específico de se referir ao sertão do oeste de Minas e ao Alto São Francisco e de uma forma singular de se localizar e se identificar a esse espaço.

Esta hipótese é constituída de pelo menos três suposições anteriores, a saber: a) As visões duais sobre o Brasil que oscilavam entre a valorização do sertão e/ou do litoral teriam influenciado a forma pela qual os sujeitos oriundos dos sertões do oeste do São Francisco imaginaram seu espaço e a si mesmos; b) Aqueles que estavam diretamente ligados à produção jornalística local e à literatura teriam constituído parte privilegiada (ou mesmo teriam alimentado tal imagem de si mesmos) porque letrada e em contato com as discussões e os “dilemas” da intelectualidade brasileira nas suas interpretações do Brasil e da República naquele período determinado; c) O lugar social ocupado por esses sujeitos que se colocam – supostamente – como transmissores de idéias e intérpretes privilegiados da barbárie a que estão próximos e que se esforçam para extirpar, teriam experimentado sentimentos de humilhação em sua relação com os centros urbanos pela sua condição de provincianos e, também, pela incapacidade de mudança de uma mentalidade provinciana com a qual têm que lidar, conviver, – e pela qual quase sempre também eram identificados quando em contato com os centros cosmopolitas.

Considerando-se a validade de nossas hipóteses iniciais, seria pertinente pensar que este espaço de conflito – e os sentimentos ambivalentes experimentados por estes sujeitos que fazem circular idéias na imprensa local – teria sido responsável por uma perspectiva narrativa específica presente na produção literária do período caracterizada pela identificação do sujeito-enunciador como um “desterrado”. Ou ainda apresentado como um sem-lugar, ou localizado num *entre-lugar*, identificação construída nos interstícios da dualidade fundante entre barbárie e civilização, campo-cidade, litoral-sertão. Neste sentido talvez seja possível compreender melhor o lugar de fala de Emílio Moura em suas poesias que a crítica literária mormente interpreta como uma fuga metafísica ou um espaço de desajuste: “*Sua visão não contém os traços da visão comum; tudo aparece a seus olhos como símbolo de uma realidade mais perfeita ou como nostalgia de algo perdido, ou nunca encontrado. Um mundo ideal (...) preso a outros valores e formas* (FARIA, 2002:40).

Para os críticos literários, este espaço de desajuste em Emílio Moura – semelhante àquele observado no “caminho” de Carlos Drummond de Andrade, ou ainda quando ele se

descreve um anjo torto “*gauche na vida*”, em seu *Poema de Sete Faces* (ANDRADE, 2005:15-16) – estaria localizado entre a realidade e a fantasia, entre a vida e o sonho, entre a percepção e imaginação, entre a letra e o espírito (MARTINS, 1949). Este espaço “indeterminado” teria dado vazão à poesia como tentativa de solução. Resta-nos perguntar de qual realidade e qual fantasia² estão falando já que seria entre estas duas dimensões que estaria localizado “o mundo do autor-enunciador”.

Nossa hipótese mais geral é que a referência à dita realidade seja permeada pela fantasia ou quando observada desse lugar simbólico que por ora denominamos “espaço de desajuste”, *entre-lugar*, ou mesmo uma “*terceira margem*”, como nos sugerem os escritos de Guimarães Rosa (cf. ROSA, 2000). Pensamos encontrar correspondência entre as formas de concepção do espaço de produção e/ou de referência dessas obras – o sertão – e as imagens e representações dele forjadas na imprensa local tecidas no diálogo – nem sempre no consenso – com as imagens e representações deste espaço tecidas na contraposição litoral-sertão, nos centros cosmopolitas.

4.

Na apresentação do trabalho de Márcia Naxara (2005) sobre o cientificismo e a sensibilidade romântica nas explicações do Brasil do século XIX, Jacy Seixas e Stella Bresciani sublinham que, a despeito do ineditismo de sua abordagem, a temática levantada pela autora – a retomada das representações que relacionaram de forma antitética natureza e civilização — não consiste em tema de estudo inédito na historiografia.

Como observa também Custódia Selma Sena, a imaginação social brasileira e nossa própria experiência de brasilidade tem se construído, pelo menos desde o século XIX, em torno da imagem e do sentimento de que o Brasil é um país dual. Formulado inicialmente como uma oposição entre civilização e barbárie, essa dualidade tem sido constantemente desdobrada em outros binarismos como civilizado/ primitivo; litoral/ sertão; país legal/ país real; progresso/ atraso; individualismo/ personalismo; cópia/ autêntico; moderno/ tradicional; cidade/ sertão:

Creio que podemos afirmar, sem exagero, que as melhores obras produzidas entre nós – pela literatura, pela crítica literária, pelo ensaísmo, pelas ciências sociais e pela historiografia – têm por objetivo entender como essa dualidade se constitui e propor, contra essa cesura, uma imagem unificada da nação, condição necessária da identidade nacional (SENA, 2003).

² Fantasia não pensada como necessariamente oposta à realidade como faz a crítica literária. Talvez o diálogo com a psicanálise seja frutífero para pensar essa relação. Para Lacan a “*fantasia seria a única forma que nos é permitida de abordar a realidade*” apresentando-se em três registros psíquicos diferentes: 01) o Real, O simbólico e o imaginário. (Cf. AZEVEDO, 2005: 54.)

Neste sentido, percorrer os caminhos da discussão sobre as representações do sertão concebido como par dicotômico ao litoral é uma empreitada por demais dilatada. Trabalhos que, recentemente, retomaram esse par dicotômico e que de certa forma atualizam estas questões latentes na busca de compreensão do Brasil, há pelo menos o século XIX, têm em comum, para além da temática, a natureza das fontes pelas quais se propõem apreender seu objeto de interesse.

Em *Um sertão chamado Brasil*, Nísia Trindade Lima (1999) procura mapear o tópico sertão/litoral no curso dos debates dos intelectuais sobre a modernização do país e sobre seu próprio papel de cientista social nesse processo. O objetivo central de Nísia é mostrar que em torno da idéia de sertão, das percepções sobre a dualidade interior/litoral, se costura uma surpreendente continuidade do pensamento social brasileiro desde os etnógrafos da geração pré-1870 até as gerações que frutificaram com a institucionalização das ciências sociais, principalmente em São Paulo, a partir do decorrer da década de 1930 (LIMA, 1999).

A obra discute a importância das viagens ao interior, nas três primeiras décadas da República, para a construção de interpretações do Brasil referidas à idéia do contraste entre sertão e litoral. A proposta de conhecimento dos sertões brasileiros é analisada como expressão de um movimento de forte conteúdo simbólico que acompanhou os projetos de delimitação de fronteiras, saneamento, integração econômica e política.

A autora percorre a construção de imagens e representações do sertão por meio de materiais produzidos pelas incursões oriundas do litoral para o sertão, tais como à viagem de Euclides da Cunha a Canudos, consagradas em *Os sertões*, e aquelas presentes nos relatórios da Missão Rondon e das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O homem do interior aparece em sua pesquisa por que é objeto privilegiado dos intelectuais cujos relatos ela pretende discutir e cuja perspectiva também assume.

Assim como Nísia Trindade, a grande maioria daqueles que se propuseram apreender as imagens e representações do sertão fizeram-no adotando a perspectiva daqueles que o observavam de fora, de uma perspectiva litorânea. Isto ocorre deliberadamente em Nísia Trindade e de modo menos evidente em Regina Abreu (1998) quando esta se debruça sobre *O Enigma de "Os Sertões"* – produto de uma incursão de Euclides da Cunha em *"um meio giro sobre seus pés"*, expressão de Nicolau Sevcenko citada pela autora. Em grande medida, este procedimento se deve às possibilidades de pesquisa e as fontes disponíveis ao cientista social – nestes casos – ou o historiador, que toma estas representações com objeto. Como observou

Márcia Naxara, a maior parte do material que o historiador pode ter em mãos ao trabalhar com as representações do sertão/campo são produzidas na cidade: “*qualquer material que tenha sido produzido a partir do campo sofre um processo de transformação ao ser apropriado e divulgado*” pela escrita e imagem e pelos códigos citadinos (NAXARA, 2005:34).

O material utilizado por Naxara para analisar o pensamento sobre o Brasil do século XIX é aquele que a cidade produziu de si mesma e do lugar antagônico – sobre o campo; e os materiais produzidos pelo campo que sofrem transformações ao serem divulgados – portanto, todo material vem da cidade/civilização. Este segundo tipo de material é explorado por Heloisa Starling em *Lembranças do Brasil (1999)*, quando esta faz uma análise dessas representações do sertão a partir da obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. O sertão recriado por Rosa não é exatamente a correspondência ao sertão de onde ele retira os modos de falar, as histórias, os personagens. É uma das muitas idéias do sertão circulantes que o instituem como espaço imaginado mas não é propriamente reflexo de um sertão “real”.

Estes procedimentos apontam para a impossibilidade de se apreender uma imagem ou representação do sertão gestada unicamente neste espaço específico. A identificação de determinadas pessoas a esta região específica reconhecida como sertão se dá com o conhecimento e por critérios de diferenciação em relação ao outro. Numa relação que nos remete às questões entre o particular e universal. A medida de si mesmo é o outro, pela qual se instituem as identidades regionais e é possível falar em sentimento provinciano e provincianismo:

Noção que, comumente, aparece associada e afirmada a partir de um tipo de mentalidade presa a lugares geográficos ou simbólicos determinados e específicos, consistindo numa maneira de pensar ligada à tradição e história locais, de forma a configurar conteúdos de auto-reconhecimento próprios, em que se estabelece a desconfiança com o que não é familiar (NAXARA, 2005:349)

Maria Arminda Arruda, ao perseguir a construção mítica da mineiridade, observa que os escritores mineiros, em suas memórias apresentam, ao mesmo tempo, um caráter local e universal: uma fixação no lugar de origem (que caracterizaria o provincianismo) ao mesmo tempo em que apresentam o “desejo de universalidade”, de superação do local (ARRUDA, 1999:210-211). Procurando compreender essa particularidade do memorialismo mineiro, Arruda compreende esta tendência como parte dos movimentos de uma memória mítica

surgida e explicada pela experiência histórica mineira caracterizada por um passado áureo e um presente problemático – conclusão que tivemos oportunidade de contestar (NORONHA, 2006:169), embora concordemos com o seu diagnóstico. A pergunta aparece ainda sem resposta satisfatória: Por que Minas Gerais e, especificamente o oeste de Minas e o Alto São Francisco “*concebeu escritores com os pés imantados no seu solo, mas com mentes e olhos seduzidos, infelizmente, pelos horizontes distantes?*”(ARRUDA, 1999:233). A pergunta nos devolve às questões inicialmente apresentadas neste texto:

Em 1968, Carlos Drummond de Andrade escrevia:

O eco no caminho

Entre a cidade e a fazenda

É no fundo de Mim que me responde (ANDRADE, 2002:994).

Se na década de 1920 havia uma pedra no caminho de Drummond, o caminho agora é da cidade à fazenda, e o que há agora é (o morro, a farpa de arame, a porteira) um eco. Maria Arminda Arruda observa que os escritores mineiros edenizam os pequenos espaços urbanos e a vida rural, procedimento que convive, muitas vezes, com uma visão negativa e de tentativa de superação da inscrição local dos autores: Emílio Moura, nascido nos sertões do Alto São Francisco escrevia, ainda em 1924, em carta enviada a Gustavo Capanema, que o oeste mineiro, era o lugar do tédio – “*lugar detestável*”, de marasmo, um “*veneno doloroso, no tédio de sua chatice e vulgaridade. De vez em quando um parêntese que nos consola e nos deixa, ao mesmo tempo, numa inquietação terrível: o medo das horas seguintes*”(MOURA, 1924:272-273).

Esta visão negativa do sertão do oeste mineiro seria compartilhada por todos aqueles que viviam no oeste de Minas e nos Sertões do Alto São Francisco? Ou esta percepção teria sido particularidade deste grupo de intelectuais dos anos 1920 que, em contato com as idéias modernistas dos centros urbanos mais avançados, tomaram consciência do primitivismo em que se encontrava o sertão – sua terra de origem? Como esse espaço era visto pelos seus conterrâneos e contemporâneos? Tinham concepção diferente de seu espaço de vivência? Quais eram as idéias que circulavam na imprensa local neste período?

As relações entre o local e o universal, ou entre o sertão e o litoral sempre foram analisadas da perspectiva do litoral para o sertão, seja pelo lugar de onde os autores falam, seja – mais recorrente – pelas fontes que utilizam sempre produzidas pelo litoral. Na impossibilidade de recorrer a fontes produzidas pelo sertão, ou por aqueles que foram muitas vezes alvo dos projetos de purificação, higienização, de civilização, pensamos que a análise

das fontes jornalísticas produzidas numa dimensão local, aliadas às imagens da literatura pode nos revelar outros aspectos até agora não aventados. Quem produziu estes materiais possivelmente fazia parte de uma classe privilegiada na região referida mas, por sua vez, constituía o que de mais provinciano os “provincianos” do litoral poderiam imaginar. Se o litoral muitas vezes se via como cópia caricatural da “Europa Civilizada”, como se imaginavam e se sentiam aqueles que viviam nos sertões do oeste do São Francisco? A análise destes relatos poderá nos conduzir para nuances importantes da imaginação e da vida material, política e econômica do povo desta região, quase sempre analisado de fora ou deixado de lado pelas interpretações dominantes da historiografia.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Regina. *O Enigma de "Os Sertões"*. Rio de Janeiro, Funarte/Rocco, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma Poesia*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record: 2005.
- _____. *Confissões de Minas*, 1944.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade: o imaginário mineiro da vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FARIA, José Hipólito de Moura. De Emílio para Drummond. In: COUTO, Ozório e FARIA, José Hipólito de Moura. *Dois Poetas: um centenário*. Belo Horizonte: Adi Edições, 2002
- LIMA, Nísia, Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999.
- MARTINS, Cristiano. O espelho e a musa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24. jul. 1949
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: UNB, 2004.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. O (des)conhecimento do outro : pensando o “provinciano” IN: MARSON, Isabel e NAXARA, Márcia. (org.) *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia:EDUFU, 2005.
- NORONHA, Gilberto Cezar de. *Joaquina do Pompéu: tramas de memórias e histórias*. Uberlândia: UFU, 2006. (dissertação de mestrado)
- OLIVEIRA, José Joaquim de. *O Abaeté*. Abaeté, Minas Gerais. 13.nov. 1904. (Editorial)
- ROSA, J. Guimarães. *Primeiras Estórias*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 2000.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. 20.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon et alli. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: USP, 1984. Coleção Estudos Brasileiro. v. 81

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil* Goiânia: Editora UFG, 2003.

STARLING, Heloisa. *Lembranças do Brasil: Teoria Política, História e Ficção em "Grande Sertão: Veredas"*. Rio de Janeiro, Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.

WEGNER, Robert. Sertões Desvendados. *Dados*. vol.43, no.3. Rio de Janeiro, 2000.